



**REFLEXÕES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS
PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM O ENSINO RELIGIOSO**

doi: [10.25247/paralellus.2026.v17n40.p407-431](https://doi.org/10.25247/paralellus.2026.v17n40.p407-431)

**A SALVAÇÃO DA CARNE HUMANA POR MEIO DA ENCARNAÇÃO
DO FILHO DE DEUS SEGUNDO IRENEO DE LIÃO**

THE SALVATION OF HUMAN FLESH THROUGH THE INCARNATION OF
THE SON OF GOD ACCORDING TO IRENAEUS OF LYONS

LA SALVACIÓN DE LA CARNE HUMANA MEDIANTE LA ENCARNACIÓN
DEL HIJO DE DIOS SEGÚN IRENEO DE LYON

Maycon Renan da Silva Santos Boni¹

RESUMO

A tendência de desprezar a dimensão material, carnal e corpórea do ser humano, esteve presente desde os primeiros séculos do cristianismo. Os nomes, ao longo da história, são variados: docetismo, gnose, gnosticismo, macionismo, maniqueísmo, entre outros. Tal tendência, de um modo geral, ensinava um desprezo pela matéria e propunha uma salvação apenas da alma, ou salvação por meio do conhecimento (gnose), mas sempre com o pano de fundo de que a alma precisa se libertar do corpo. Assim, o presente artigo, procura demonstrar a resposta de Ireneu de Lião à tal tendência. Ireneu, por meio da teologia da encarnação do Verbo, mostra que a carne humana não deve ser desprezada, pois ela foi salva por meio da encarnação do Filho de Deus. O Verbo se fez o que nós somos para nos elevar ao que ele é, ou seja, à condição divina. Assim, a encarnação é crucial para a salvação humana.

Palavras-chave: Carne. Encarnação. Filho de Deus. Salvação. Humanidade.

ABSTRACT

The tendency to disregard the material, carnal, and corporeal dimension of the human being has been present since the first centuries of Christianity. Throughout history, the names for this have varied: Docetism, Gnosticism, Gnosticism, Manichaeism, among others. This tendency, in general, taught a disdain for matter and proposed salvation only for the soul, or salvation through knowledge (gnosis), but always with the backdrop that the soul needs to be

¹ Doutor em Teologia pela PUC PR (2020). Con Estágio Pós-doutoral em Teologia Sistemático-Pastoral, com pesquisa em Ecoteologia, também pela PUC PR (2021-22). Atua como pároco na Diocese de Paranaíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7558691138397509>. E-mail: mayconrenan2@hotmail.com.



freed from the body. Thus, this article seeks to demonstrate Irenaeus of Lyons' response to this tendency. Irenaeus, through the theology of the Incarnation of the Word, shows that human flesh should not be despised, for it was saved through the incarnation of the Son of God. The Word became what we are to elevate us to what He is, that is, to the divine condition. Thus, the incarnation is crucial for human salvation.

Keywords: Flesh. Incarnation. Son of God. Salvation. Humanity.

RESUMEN

La tendencia a ignorar la dimensión material, carnal y corpórea del ser humano ha estado presente desde los primeros siglos del cristianismo. A lo largo de la historia, ha recibido diversos nombres: docetismo, gnosticismo, maniqueísmo, entre otros. Esta tendencia, en general, enseñaba un desprecio por la materia y proponía la salvación únicamente para el alma, o la salvación a través del conocimiento (gnosis), pero siempre con el trasfondo de que el alma necesita liberarse del cuerpo. Por ello, este artículo busca mostrar la respuesta de Ireneo de Lyon a esta tendencia. Ireneo, a través de la teología de la Encarnación del Verbo, demuestra que la carne humana no debe ser despreciada, pues fue salvada mediante la encarnación del Hijo de Dios. El Verbo se hizo lo que somos para elevarnos a lo que Él es, es decir, a la condición divina. Por lo tanto, la encarnación es crucial para la salvación humana.

Palabras clave: Carne. Encarnación. Hijo de Dios. Salvación. Humanidad.

1 INTRODUÇÃO

Na história do cristianismo e da teologia, diversos foram os eclesiásticos e teólogos que lutaram por defender a humanidade de Cristo como fonte de salvação para o ser humano de forma integral. Ireneu, bispo de Lião, frente à gnose, que propunha uma salvação por meio do conhecimento, propõe a encarnação do Filho de Deus como fonte de salvação para a humanidade. Aliás, se valendo de elementos do Prólogo de João, que traz a principal afirmação sobre a encarnação, do Novo Testamento, Ireneu, afirma que o Filho de Deus realmente carne se fez.

A carne humana é salva porque o Verbo de Deus se fez carne. A carne humana recebe uma dignidade muito grande, pois o Filho de Deus a assumiu, se fez humano, se fez homem, assumiu a condição humana. Tudo isso para elevar o ser humano à condição divina. Desse modo, o ser humano por inteiro é que é salvo.

Ao se focar no tema propriamente dito, a saber, a teologia da encarnação do Verbo, percebe-se que em Ireneu a antropologia e cristologia caminham juntas, e assim, é impossível dissociá-las. Portanto, caso se leve a sério que o primeiro Adão é figura do segundo, pode-se chegar à consequência de que tudo o que se pode saber sobre o homem só é possível saber por meio de Cristo, e desse modo, a antropologia, na realidade, não seria senão cristologia (Ladaria, 2010, p. 58).

Assim, presente artigo visa apresentar uma síntese da teologia da encarnação do Verbo segundo o bispo, teólogo e santo, Ireneu de Lião. Não se trata de apresentar todos os detalhes da teologia da encarnação de Ireneu de Lião, mas serão elencados alguns pontos que são considerados importantes para se aprofundar em sua teologia.

Nesse sentido, se demonstrará a continuidade entre Antigo e Novo Testamento, no projeto de salvação de Deus para a humanidade, ou seja, o Cristo prometido pelos profetas, é o mesmo atestado pelos Evangelho sobre a sua vinda. Também, Ireneu demonstra que por meio da encarnação o Verbo recapitula, resume, sintetiza em si todas as coisas, também o ser humano.

Além disso, o teólogo de Lião, coloca o nascimento do Verbo por parte de uma Virgem como um sinal de salvação, pois o que se encarna é da linhagem dos homens - não ligado ao pecado -, e também da linhagem de Deus. O nascimento virginal é importante, segundo ele, pois distingue tal nascimento dos outros nascimentos.

Também, na sua construção teológica sobre a encarnação, Ireneu se fundamenta sobretudo na teologia joanina sobre a encarnação do Verbo divino, visto que é herdeira de tal tradição por ter sido discípulo de Policarpo de Esmirna que foi discípulo de João evangelista. E, por fim, Ireneu argumenta que o Verbo salvou a carne humana porque ele mesmo se fez carne e habitou entre os homens.

2 O CRISTO ANUNCIADO PELOS PROFETAS E O DOS SINÓTICOS É O MESMO QUE SE ENCARNOU

Ireneu afirma que em Jerusalém foram enviados profetas por Deus, por meio do Espírito Santo, para que aconselhassem o povo e para o converter ao Deus Onipotente de seus pais. Além disso, como arautos da revelação de Cristo, Filho de Deus, anunciavam que a estirpe de Davi havia de florescer o seu corpo, de modo que fosse segundo a carne, filho de Davi, que por sua vez, era filho de Abraão, em virtude de uma longa cadeia de gerações, e segundo o Espírito, Filho de Deus, preexistente com o Pai, e gerado antes da fundação do mundo e aparecido ao homem nos últimos tempos (*Dem. 30*).

Percebe-se a clareza que Ireneu tinha a respeito do Filho Unigênito de Deus. O Cristo, que estava no seio do Pai, antes de todos os séculos, foi anunciado pelos profetas. Ao nascer, tornou-se filho de Davi e de Abraão, como ele mesmo disse, de acordo com as Escrituras. Além disso, percebe-se a unidade existente entre aquele prometido no Antigo Testamento (AT) e o Cristo que nasceu e é dito sobre ele no Novo Testamento (NT).

Em *Dem. 96*, Ireneu diz que a profecia que havia sido feita a Abrão, cumpriu-se, à qual sua descendência seria como as estrelas do céu. Cristo cumpriu a promessa, nascendo da Virgem, da estirpe de Abraão, e convertendo em luminárias do mundo os que nele acreditam, e justificando os gentios com Abraão por meio da mesma fé. Portanto, o Cristo que fez cumprir a promessa feita a Abraão, nascendo da Virgem, é o mesmo Verbo que João afirma que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Ireneu mesmo afirma que “o Cristo anunciado pelos profetas era o Filho de Deus, isto é, manifestava-se a si mesmo como aquele que veio trazer aos homens a liberdade e oferecer-lhes a herança da incorruptibilidade” (*Ch III, 5,3*). Para a citação anterior, o texto de Ireneu traz uma nota de rodapé, edição *Paulus*, que explica o que significa trazer a liberdade aos homens: “É a missão imediata do redentor que encontra suas criaturas sob o domínio do pecado” (*Ch III, 5,3 - nota de rodapé 14*).

Na mesma ótica, os Evangelhos estão em consonância com os profetas. Segundo Ireneu, Mateus no seu Evangelho diz que Deus é único e o mesmo que é “Pai de nosso Senhor, que por meio dos profetas prometeu enviar o precursor e depois tornou visível a toda carne a sua Salvação, isto é, o próprio Verbo feito carne, para que ficasse patente a todos que ele é o seu Rei” (*Ch III, 9,1*). Além da realeza acrescenta em *Ch III, 9,3*, de que descendência pertence o Verbo: “assim o Verbo de Deus, enquanto homem, da descendência de Jessé e filho de Abraão, tinha sobre si o Espírito de Deus e era consagrado para levar a boa-nova aos humildes”.

Ireneu lembra que este evangelista fala da geração do Verbo, acrescentando que ele é o Emanuel, de modo que não o julgássemos como sendo um simples homem, pois ele não veio pela vontade da carne ou pura e simplesmente pela vontade do homem, mas foi pela vontade de Deus que “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14a). Ele fala que o Verbo identifica-se com Cristo.

Segundo Ireneu, isso se dá para que não se suspeitasse que um era Jesus e outro o Cristo e se soubesse que é única e idêntica pessoa. Com isso Ireneu combate os hereges que afirmavam que um era o Jesus da Economia e outro o Cristo que desceu do alto impassível. Os dois identificam-se: Verbo e Cristo. Já em *Ch III, 16,6*, Ireneu fala que Jesus identifica-se com Cristo. Segundo ele, os hereges não entendem que o Verbo Unigênito de Deus, sempre achegado ao gênero humano, que se uniu intimamente à sua obra pelo beneplácito do Pai, e se fez carne, não é outro senão Jesus Cristo nosso Senhor.

Portanto, o Cristo mencionado por Mateus, e o Verbo encarnado de João se identificam. O Cristo prometido pelos profetas e o Verbo que se fez carne, é o mesmo. Além disso, Mateus fala do precursor e este também é mencionado no próprio Prólogo do Evangelho de João que diz: “Houve um homem enviado por Deus. Seu nome é João. Este veio como testemunha pra dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele” (Jo 1,1-7). Também, “João dá testemunho dele e clama: ‘Este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou diante de mim, porque existia antes de mim’” (Jo 1,15).

Lucas no seu Evangelho dirá que “Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim” (Lc,1,32-33). Lucas, então, assinala que, o trono de Davi será dado a Ele, Verbo de Deus; e o seu reinado, porém, não terá fim.

Por isso - afirma Ireneu -, Zacarias bendisse a Deus com o *Benedictus*, porque “tudo era novo, pelo fato de que o Verbo vinha disposto de maneira nova a vinda na carne, para reconduzir a Deus o homem que se afastara dele” (*Ch III, 10,2*). A salvação além de ser do espírito é também salvação da carne! E, por quê? (*Ch III, 10,3*). Ele mesmo, Verbo de Deus, assumiu a carne. Por Ele se fazer carne é que a carne é salva, é redimida. Então, o Filho do Altíssimo que Lucas diz no seu Evangelho, terá o trono de Davi, e o reinado não terá fim.

Marcos no seu Evangelho não narra o nascimento nem a infância do Filho de Deus. Entretanto, Ireneu diz que Marcos no início do seu Evangelho descreve: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, conforme está escrito no profeta Isaías:

Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti, a fim de preparar o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas” (Mc 1,1-3).

Ireneu explica que o início do Evangelho de Marcos deixa claro que ali é a palavra dos santos profetas e daqueles que confessaram o Senhor e Deus que é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual prometeu enviar um anjo que o precedesse; esse anjo foi João que gritava no deserto para aplinar o caminho do Senhor e endireitar as veredas (*Ch III, 10,6*). Fica claro aos ouvintes do NT que os profetas não falaram de outro Deus, mas do único e idêntico Deus.

Marcos fala sobre o precursor, e, também Mateus assim o faz. Pode-se dizer que o precursor narrado por João no Prólogo (Jo 1,6-8.15) é o mesmo que veio para preparar os caminhos do Senhor narrado por Mc 1,1-7. Também é o mesmo enviado por Deus (Jo 1,6) para dar testemunho da luz a fim de que todos cressem por meio dele (Jo 1,7).

Estas interpretações podem ser feitas à luz daquilo que Ireneu mesmo diz a respeito do Evangelho quadriforme (Mateus, Marcos, Lucas e João), (*Ch III, 11, 8*). Segundo Ireneu, foram dados os quatro Evangelhos que formam um único Evangelho de Cristo. Esta afirmação também a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (n. 18) empresta de Ireneu de Lião. Então, pode-se dizer que o Emanuel, o Cristo, o Filho do Deus Altíssimo, é o Verbo encarnado.

Para Ireneu “estas são as verdades fundamentais anunciadas pelo Evangelho: um só Deus criador deste universo [...] que é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (*Ch III, 11,7*). Também: “por isso é evidente que o Verbo, Artífice de todas as coisas, que está sentado acima dos querubins e mantém unidas todas as coisas, quando se manifestou aos homens, nos deu um Evangelho quadriforme, sustentado por um único Espírito” (*Ch III, 11,8*). Assim, os quatro Evangelhos falam do mesmo e único Verbo.

O Evangelho de João, neste sentido, apresenta uma genealogia do mesmo modo como fazem os Evangelhos de Mateus e Lucas? Sobre isso Ratzinger diz que:

O evangelista João, que várias vezes deixa aflorar a pergunta sobre a origem de Jesus, não fez preceder de uma genealogia o Seu Evangelho, mas no Prólogo do mesmo, apresentou de forma explícita e grandiosa a resposta à pergunta sobre a origem de Jesus, fazendo

dela uma definição da existência cristã; a partir do “de onde” é Jesus, definiu a identidade dos seus. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. (...) E o Verbo Se fez carne, e armou a sua tenda no meio de nós” (1,1-14), (Ratzinger, 2012, p. 18-19).

Portanto, é possível dizer que João no seu Evangelho não mostra uma genealogia para Jesus, mas mostra de onde ele vem, qual sua origem e onde ele estava. A teologia de Ireneu está repleta desses argumentos do Prólogo joanino que afirmam a preexistência do Verbo junto de Deus.

3 A RECAPITULAÇÃO DO HOMEM POR MEIO DA ENCARNAÇÃO

Ireneu em suas obras sustenta que o Cristo assume a carne humana para justamente ‘recapitular’ a humanidade. Cristo não toma outra substância diferente da substância humana, pois se assim o fizesse não teria salvado o ser humano, não teria libertado o ser humano do poder do mal, do pecado. Em *Demonstração* Ireneu reflete: “de onde provém a substância do primeiro homem? Da vontade e da sabedoria de Deus e da terra virgem” (*Dem.* 32).

Segundo ele, o homem foi plasmado da terra virgem; esse foi, portanto, o princípio do gênero humano. Por isso, para Ireneu, o Senhor ao recapitular em si esse homem, que é princípio do gênero humano, ao nascer de uma Virgem por vontade e sabedoria de Deus, reproduziu o mesmo esquema de corporeidade para demonstrar a identidade da sua corporeidade com a de Adão, e para refazer, como foi feito no início, o homem à imagem e semelhança de Deus (*Dem.* 32).

A cristologia (inclui a antropologia) de Ireneu parte de presunções apologéticas contra o gnosticismo e o marcionismo. Ele apresenta de modo amplo a obra de Cristo no interior de uma ‘história da salvação’ que se desenrola desde o AT até o retorno escatológico. Assim, a unidade do plano divino da salvação é expressa por meio do conceito de recapitulação. Por meio dela Cristo assume toda a humanidade, a partir de Adão. Por isso, a encarnação tem um papel central, somente um homem pode recapitular em si a humanidade (Padovese, 2004, p. 48). Essa é a razão de Cristo ser “salvação enquanto [porque é] carne” (*Ch III, 10,3*).

Ireneu desenvolve também a questão da recapitulação paulina. Acrescenta a ela precisões importantes, pois de um lado, o recapitulador é o próprio Cristo; de outro, a fim de realizar essa obra, ele visa, antes de tudo à recapitulação de Adão. Aquele que recapitulou em si todas as coisas recapitula também, e mesmo primeiro a obra modelada no princípio. Cristo, a réplica perfeita e verdadeiro Adão, retomou em si mesmo o primeiro homem que, por sua desobediência, lançou a humanidade no caminho do pecado e da morte (Singles, 2010, p. 91-92).

Neste sentido, é Jesus Cristo “que se torna presente por meio de toda a economia e recapitula em si todas as coisas” (*Ch III, 16,6*). Além disso, na afirmação “‘todas as coisas’ está incluído o homem, criatura de Deus, e recapitulando em si também o homem, de invisível que era, tornou-se visível, de incompreensível, inteligível, de impassível, passível, de Verbo, homem” (*Ch III, 16,6*). Ele, de fato, tem a primazia sobre todos os seres celestes, espirituais e invisíveis, visíveis e corporais, e para assumir em si esta primazia e ao tornar-se cabeça da Igreja, atraísse a si todas as coisas, no tempo oportuno (*Ch III, 16,6*).

4 O NASCIMENTO VIRGINAL COMO SINAL DE SALVAÇÃO

Ainda, dentro deste tema da encarnação do Verbo para recapitular todas as coisas, Ireneu, nas duas obras² mostra a reflexão de que, o nascimento precisaria ser de uma Virgem para mostrar que aquele que nasceu era o Filho de Deus. A virgem seria, então, um sinal. Em *Contra as Heresias* Ireneu diz:

E como a substância de Adão, o primeiro homem plasmado, foi tirada da terra simples e ainda virgem – “Deus ainda não tinha feito chover e o homem ainda não trabalhara” (Gn 2,5) – e foi modelado pela mão de Deus, isto é, pelo Verbo de Deus – com efeito, “todas as coisas foram feitas por ele”, e o “Senhor tomou do lodo da terra e modelou o homem” (Gn 2,7) –, assim, o Verbo que recapitula em si Adão, recebeu de Maria, ainda virgem, a geração da recapitulação de Adão (*Ch III, 21,10*).

O nascimento de Cristo deveria ser virginal, e neste ponto, porém, Ireneu refuta àqueles que diziam que Jesus nada tinha recebido da Virgem, pois Maria, Virgem, por meio de sua obediência, aparece em contraste com Eva, também virgem - se bem

² ‘Contra as heresias’ e ‘Demonstração’.

que casada -, que desobedeceu. Assim, o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; além disso, o que Eva amarrara pela sua incredulidade Maria soltou pela sua fé (*Ch III, 22,4*). Se ele nada tivesse recebido da Virgem, então não seria verdadeiramente humano.

Sobre os nascimento virginal, Meunier (2005, p. 46) cita os Evangelhos e afirma na mesma linha que outros críticos:

Para mostrar que Cristo não é apenas um homem, mas também o Verbo divino, Ireneu se refere à concepção virginal. Ele encontra a instituição dos relatos da infância de Mateus e de Lucas (mostrar que Cristo é diferente de um simples homem, em seu próprio ser), explicitando mais do que faziam os textos a ligação entre a concepção virginal de Cristo e sua divindade.

De acordo com a citação acima, Ireneu se vale dos relatos da infância de Jesus que estão presentes nos Evangelhos de Mateus e Lucas. É pertinente trazer à memória que Marcião ignorou os Evangelhos, deixando somente o de Lucas, de modo que, tirou os relatos que dizem que Jesus havia nascido na carne, ou assumido a carne humana. Ireneu, ao contrário, utiliza tais relatos da infância para falar da infância de Jesus e utiliza o Evangelho de João para falar de sua pré-existência (Jo 1,1) e de sua vinda na carne (Jo 1,14).

Ireneu assinala “a antítese entre a sedução culpável de Eva e a fé iluminada de Maria”³ (ORBE, 1987, p. 263, tradução nossa). Maria, sendo uma de nós, diz seu ‘sim’ a Deus, obedece, atende a Deus, desfaz o nó. Portanto, “a ideia de fundo, em Ireneu, é que o nascimento virginal era necessário para manter definitivamente o laço entre a humanidade e a divindade de Cristo, e por garantir a realidade do projeto criador para nós” (Singles, 2010, p. 62).

Precisaria ser um humano para desfazer aquilo que fora feito também por humano no início; alguém que desfaria o nó feito. Então, “para que o homem se torne real e plenamente à imagem de Deus, ele precisa de alguém nascido de sua raça, mas - ao mesmo tempo - liberto de tudo aquilo que constitui sua fraqueza, suas ignorâncias e

³ *“la antítesis entre la seducción culpable de Eva y la fe iluminada de Maria”*.

pecados” (Singles, 2010, p. 62). Ireneu deixa claro que, aquele que nasceria deveria ser da mesma raça, ser humano, e a partir de humano (uma virgem).

Todavia, deveria ser um ‘novo nascimento’, um nascimento não proveniente do desejo da carne e nem da vontade do homem, mas da vontade do Pai, pois enquanto a própria espécie humana ficar enclausurada em si mesma, será incapaz, por si mesma, de auto engendrar-se para sua própria salvação (Singles, 2010, p. 63). Assim, o nascimento virginal, segundo Ireneu, “corresponde à necessidade de um Salvador que não estivesse preso à linhagem dos homens que nasceram unicamente da vontade da carne. Um nascimento virginal retira Cristo dessa linhagem porque é obra do Espírito de Deus” (Singles, 2010, p. 65).

João no Prólogo não fala do nascimento virginal, porém fala que aquele que habitou entre nós estava com Deus no princípio (Jo 1,2), habitando no seio do Pai (1,18). O Verbo encarnado vem habitar entre os homens, e sua vinda no seio virginal assinala que seu nascimento se dá pela vontade de Deus, para que assim, a salvação pudesse ser verdadeiramente operada. Ele tornou-se homem pela vontade de Deus, e o nascimento virginal seria um sinal.

O próprio Ireneu diz que, na promessa do Rei eterno feita por Deus a Davi, a qual suscitaria um fruto do seu seio é o mesmo que nasceu da Virgem, descendente de Davi. Além disso, “a Escritura exclui o poder gerador do homem [...], porque não devia ser efeito da vontade do homem, aquele que estava para nascer. Era fruto do seio para sublinhar a concepção do que devia nascer de Virgem” (*Ch III, 21,5*).

Graças a Maria, Cristo não se fantasiou de homem, como afirmam os docetas, mas assumiu verdadeiramente a condição humana. O ‘sim’ de Maria, o ‘faça-se em mim segundo tua Palavra’ permitiu à humanidade sair do círculo vicioso do pecado, justamente pelo fato de que seu consentimento permitiu a um de seus membros libertar-se do poder do mal, sem que deixasse de ser plenamente humano (Singles, 2010, p. 66). Ao consentir à Palavra anunciada, Maria ajuda a concretizar a Encarnação; esta foi possível acontecer.

5 A CONTRIBUIÇÃO DO PRÓLOGO JOANINO NA TEOLOGIA DA ENCARNAÇÃO EM IRENEU

De acordo com a Tradição desde Ireneu, João é o discípulo amado⁴, e o mesmo influenciou diretamente a teologia de Ireneu de Lião, pois Ireneu foi discípulo de São Policarpo de Esmirna quando na sua infância. São Policarpo, por sua vez, foi discípulo de João. Por isso, Ireneu tem uma ligação quase direta com a Tradição Apostólica. Ireneu mesmo atesta que João é o discípulo do Senhor, e recostara a cabeça sobre o peito dele (Ch III, 11,1; 1,1). Sobre isso, Ratzinger afirma que:

Desde Sto. Ireneu de Lião (c.202), a tradição eclesial considera unanimemente João, o Zebedeu, como o discípulo predileto e autor do Evangelho. Isso está de acordo com os indícios de identificação que se encontram no Evangelho, que nos apontam em todo o caso para um apóstolo e companheiro de Jesus desde o batismo no Jordão até a última Ceia, desde a cruz até a ressurreição (Ratzinger, 2007, p. 197-198).

Na introdução da obra *Contra as Heresias*, edição *Paulus*, diz claramente que na “formação teológica de santo Ireneu estão presentes, não apenas como citação, mas como influência teológica, contributos da tradição apostólica, especialmente – através de São Policarpo – de São João e da escola joanina” (*Ch, Introdução*). Portanto, Ireneu foi fortemente influenciado por São João evangelista.

Quando Ireneu fala do Evangelho ele o chama de quadriforme⁵, e, em *Ch III, 11,8*, atribui o nome dos animais aos Evangelhos. Diz que há um Evangelho que conta a geração preeminente, poderosa e gloriosa que tem do Pai com tais palavras: “No princípio era o Logos, e o Logos estava junto com Deus, e o Logos era Deus. Este no princípio, (ele) estava com Deus. Tudo foi feito através dele, e sem ele nada foi feito do que existe” (Jo 1,1-3). Segundo Ireneu, é por isso que esse Evangelho está cheio de pensamentos sublimes, visto que este é o seu aspecto. A João é atribuída a águia que voa, sinal do dom do Espírito que sopra sobre a Igreja.

⁴ Sobre a questão do autor do Quarto Evangelho os autores hoje não chegam a consenso de que João se trata. Em todo caso, no presente artigo, seguindo a linha de Ireneu, acredita-se que João, o Zebedeu, é o discípulo amado, e é o mesmo que escreveu o Evangelho em Éfeso.

⁵ Isso porque o evangelho é constituído por Mateus, Marcos, Lucas e João, mas é um único evangelho. Ireneu chama de evangelho quadriforme. A *Dei Verbum 18* empresta essa mesma expressão utilizada por Ireneu de Lião.

Nos seus escritos Ireneu cita muitas vezes o Evangelho de João, e para falar do Verbo encarnado ele utiliza o Prólogo diretamente citando-o, mas também utiliza suas ideias, de modo que é possível perceber a influência joanina presente em *Contra as Heresias* e *Demonstração da Pregação Apostólica*.

Ireneu diz que João, por meio do seu Evangelho, quis extirpar o erro semeado entre os homens por Cerinto, e os nicolaítas, que são uma ramificação separada da falsa gnose. João escreve a fim de refutá-los, demonstrando que existe somente um Deus que criou todas as coisas por meio do seu Verbo. Também, Ireneu, além de dizer o porquê da escrita do Evangelho, assevera que João, o discípulo do Senhor e que recostara a cabeça sobre o peito dele, publicou o seu Evangelho quando morava em Éfeso, na Ásia (*Ch III, 11,1; 1,1*). Ireneu é da opinião de que João evangelista é o discípulo amado que recostara a cabeça no peito do Senhor e aquele do qual fala o Evangelho.

Para Ireneu, seguindo a linha do Evangelho, em sua encarnação, o Verbo de Deus desceu para sua própria casa, pois o mundo lhe pertencia a título de criador (Orbe, 1987, p. 227), como atesta o próprio Evangelho de João: “Tudo foi feito através dele, e sem ele nada foi feito do que existe” e “Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu” (Jo 1,3.10). Isso assinala que o Verbo não veio, por meio de sua encarnação, para algo estranho, pois Ele mesmo criou o mundo e todas as coisas.

De forma resumida, Orbe (1987, p. 229-231, tradução nossa) cita alguns versículos do Prólogo do Evangelho, resumindo sua vinda na carne, e ao mesmo tempo a sua rejeição pelos homens, mas ao mesmo tempo aquilo que ele concedeu para os que a ele acolheram e nele creram:

Também João, o discípulo do Senhor, o testemunha ao dizer no evangelho (Jo 1,1-3): No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito. Mais tarde falando sobre o mesmo Verbo (Jo 1,10-12): Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome. E novamente mais tarde, significando a sua dispensação de homem (Jo 1,14): E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Ele

acrescentou de novo (Jo 1,14): E nós vimos sua glória, glória que ele tem junto do Pai, como Filho único, cheio de graça e verdade.⁶

Dirá o próprio Ireneu que o discípulo João, explicando quem é o Filho de Deus que era junto do Pai, antes mesmo que o mundo fosse formado, e que por obra dele foram criadas todas as coisas, ele disse: “No princípio era o Logos, e o Logos estava junto com Deus, e o Logos era Deus. Este no princípio, (ele) estava com Deus. Tudo foi feito através dele, e sem ele nada foi feito do que existe” (Jo 1,1-3) (*Dem.* 43).

O Verbo apresentou-se ao mundo, vindo na carne, aos seus. E, o mundo não o conheceu como tal (1,10c). Os seus não lhe deram acolhida como salvador. O mundo e os homens não creram nele (Jo 1,11b). Aos homens, porém que acolheram e creram nele, Deus deu o poder de fazer-se filhos adotivos de Deus, em prêmio a fé nele e em seu nome (Jo 1,12). De acordo com a leitura de Ireneu, João delineia as duas relações de incredulidade e de fé, ante a aparição na carne, do Verbo. E a do próprio Verbo feito carne, ante a acolhida dos crentes. Entre estes derramará, para fazê-los filhos de Deus, o Espírito de adoção, água de vida. (ORBE, 1987, p. 229).

Em *Dem.* 51, Ireneu diz claramente que Cristo que é o Filho de Deus, existente antes mesmo do mundo, com o Pai e junto do Pai, é contemporaneamente, vizinho aos homens e em íntima comunhão com eles, além de rei do universo. Pois o Pai lhe submeteu tudo, e o tornou salvador daqueles que nele creem.

Ireneu faz inúmeras referências ao Prólogo joanino. O texto de Jo 1,14a é muito mencionado, mas explicitamente como citação das Escrituras aparece apenas quatro vezes, são elas: 1) *Ch I*, 8,5: quando o v. 14a está numa reprodução do pensamento dos hereges que antecede a crítica que Ireneu fará de tal distorção da fé. 2) *Ch III*, 11,2: quando reflete sobre o Evangelho de João, Ireneu diz que o ‘Verbo se fez carne’, mas ele existe desde sempre e que por esse mesmo Verbo é que todas as coisas foram feitas. Ireneu em *Ch III*, 11,3 faz crítica aos hereges que não acreditam no ‘verbo

⁶ *También Juan, el discípulo del Señor, lo testimonia al decir en el Evangelio (Joh 1, 1-3): Em el principio era el Logos y el Logos estaba ante Dios, y dios era el Logos. Em el principio estaba ante Dios. Todo fue hecho por su médio y sin él nada se hizo. Más tarde, hablando del mismo Verbo (Joh 1,10-12): Em el mundo estaba y el mundo fue hecho por él y el mundo no le conoció. Vino a su casa, y los suyos no le acogieron. Mas a cuantos le recibieron dioles potestade de hacerse hijos de Dios; a los que creem en su nombre. Y nuevamente, significando su dispensación de hombre (Joh 1,14); Y el Logos se hizo carne y habitó entre nosotros. Y agregó de nuevo (Joh 1,14): Y vimos su gloria como de Unigénito venido del Padre, lleno de gracia y de verdad.*

feito carne' e pensam o Cristo do alto, que é sem carne e impassível. 3) *Ch III 16,8*: quando trata da identificação de Jesus com o Cristo, Ireneu menciona o v. 14, e faz ligação do mesmo com 1Jo 4,2. 4). *Ch V 18,2*: Ireneu quando trata da economia humana da Trindade, afirma que Jesus é o mediador perfeito “vindo na carne”. (Rodrigues, 2006, p. 19).

As partes de João 1,14 diferem uma da outra. A primeira dá a conhecer claramente a economia do Verbo. A segunda recorda que, não obstante, a nova dispensação humana, o Verbo sendo Unigênito do Pai e recebe dele a glória que lhe corresponde a sua pessoa. Jo 1,14 retoma o que estava indicado sobre a economia do Verbo nos v. 11 e 12. O silêncio de Jo 1,13 é sintomático. Ireneu sempre o aplica a Cristo com a leitura em singular. Jo 1,14 indica a encarnação do Verbo, sua convivência com os homens e os efeitos salvíficos que seguiram tais eventos (Orbe, 1987, p. 229-231).

Falar que Cristo é o Verbo encarnado é acreditar que ele é preexistente. Os cristãos da época encontraram esta prova nas Escrituras (AT). Para eles, tudo aí é profecia de Cristo, alusão à sua vida, à sua vinda, e mesmo afirmação de sua presença agindo já nos tempos da antiga aliança (Meunier, 2005, p. 35). O próprio Ireneu tinha essa convicção, como foi mencionado acima. Para ele, o Cristo prometido pelos profetas é o mesmo que se encarnou em Maria. Também, ele tinha essa clareza de que Cristo é preexistente antes mesmo de se encarnar.

Meunier fala sobre a questão da encarnação do Verbo e de onde surge essa noção de encarnação do Verbo preexistente. Segundo ele:

A noção vem, primeiramente, do Prólogo de João, no qual Jesus é designado como a encarnação do Verbo (em grego, *Logos*) de Deus (João 1,1-3 para a ideia do Verbo que preexiste “junto de Deus” e que é Deus; 1,14 para a encarnação). Será um dos títulos de Cristo preferidos pelos Padres da Igreja (para as apologias do século II em particular). Esse título serve, na linha de João para fundamentar uma “cristologia do alto”, que parte de Deus (o Verbo) que se encarna, e não do homem Jesus (Meunier, 2005, p. 35-36).

João, o discípulo do Senhor, se dá a conhecer com evidência em seus versículos, a quantos desejam ouvir, isto é, aos que tem ouvidos espiritualmente dispostos a ouvir (Orbe, 1987, p. 232). Sobre o mesmo Evangelho Ireneu diz que:

João proclama um único Deus poderoso e um só Unigênito, Jesus Cristo, por meio do qual foram feitas todas as coisas; dele, diz que é o Verbo de Deus, o Filho único, a origem de todas as coisas, a verdadeira Luz que ilumina todos os homens, o criador do cosmos, aquele que veio para o que era seu, se fez homem e habitou entre nós (*Ch I, 9,2*).

Em *Ch I, 9,2*, quando Ireneu está expondo o fato de os hereges distorcerem o Evangelho de João ao mencionar a criação dos três tipos de homens, Ireneu faz breve refutação dizendo que João afirma que Deus todo poderoso é único além de ser um só Unigênito, Jesus Cristo, por meio do qual foram feitas todas as coisas (Jo 1,3); além disso, diz que é o Verbo de Deus, o Filho único, a origem de todas as coisas (Jo 1,3), a verdadeira Luz que ilumina todos os homens (Jo 1,4b.9), Ele é o criador dos cosmos (Jo 1,3), aquele que veio para o que era seu (Jo 1,11a), se fez homem e habitou entre nós (Jo 1,14a).

Ireneu, como foi visto acima, menciona implicitamente vários versículos do Prólogo joanino, de modo que três vezes fala que o Verbo é o criador do mundo (de todas as coisas), e é a Luz verdadeira que veio para os seus, mas foi rejeitado. E, culmina a citação com a encarnação do Verbo entre os homens. De modo que explicita que, aquele que estava com Deus é o mesmo pelo qual foram feitas todas as coisas e que se fez carne habitando entre nós.

Nesta mesma ótica, ao se falar da criação e encarnação do Verbo na ótica joanina, seguida por Ireneu, Henry (2013, p. 338) afirma que:

A proximidade de Ireneu com respeito aos textos iniciáticos do Prólogo lhe comunica a intuição fulgurante de João, a de uma afinidade essencial entre a criação original do homem e a Encarnação do Verbo, de maneira que unicamente a segunda nos permite entender a primeira. É essa a retrointeligibilidade fundadora que Ireneu expõe; é nela que os temas irineanos são solidários.

De acordo com a citação acima, fica claro mais uma vez o modo como Ireneu foi influenciado pelo Evangelho de João, sobretudo os textos iniciáticos, como diz Henry. Além disso, mostra a íntima relação entre criação e encarnação, de maneira tal que, somente a encarnação permite entender a criação. A encarnação é pensada para dar conclusão à obra da criação. Em todo caso, o que aqui interessa é o fato de Ireneu

além de ser influenciado por João se vale das ideias de João para refutar os hereges e construir sua teologia.

Em *Ch I, 9,3* Ireneu é incisivo e lembra que o Jesus que sofreu pela humanidade e habitou entre os homens é o próprio Verbo. Também afirma que João não diz que é um éon que se tornou homem, como afirmam os hereges, mas João falava do mesmo Verbo, do Senhor Jesus Cristo. Contra a ideia de que o salvador havia tomado um corpo psíquico, Ireneu diz que a carne é matéria antiga, e esta foi plasmada da terra por Deus para Adão de modo que João indicou que é verdadeiramente esta que se tornou o Verbo de Deus.

Ireneu em *Ch III, 16,8*, fala daqueles que negam que o Verbo não veio na carne. Ele compara as cartas de João como o Evangelho que fala que o Verbo veio na carne. Segundo ele, o Senhor havia prevenido para que se tomasse cuidado com eles. O discípulo João diz em 2Jo 7-8 que “muitos sedutores se têm levantado no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio na carne. Estes tais são os sedutores, são os anticristos. Tomai cuidado com eles para não perder o fruto do vosso trabalho”.

Além disso em 1Jo 4,1-3, João diz que “muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto se conhece o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne, é de Deus; todo espírito que divide Jesus, não é de Deus, mas do anticristo”. Ireneu afirma que estas palavras em relação à vinda de Jesus na carne estão em consonância com o que afirma João no Evangelho, isto é, que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14a).

Sobre a vinda do Verbo na carne, ele diz que João ainda proclama na sua carta 1Jo 5,1, que “todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus”, de modo que se reconhece um único e mesmo Jesus Cristo, para quem se abriram as portas do céu pela sua assunção na carne e que, na mesma carne em que sofreu, nos virá revelar a glória do Pai.

Ainda sobre a vinda do Verbo na carne, Ireneu em *Ch III, 18,7*, questiona como os homens poderiam participar da filiação adotiva de Deus se não tivessem recebido a comunhão com ele por meio do Filho, ou seja, se o Verbo não tivesse entrado em

comunhão com os homens encarnando-se. Por isso, o Verbo assumindo a carne confere a todos os homens a comunhão com Deus.

Ireneu fala que os que dizem que o Verbo se manifestou apenas na aparência e que não nasceu da carne, estes estão ainda debaixo da antiga condenação, de modo que concedem direitos ao pecado, visto que a morte ainda não foi vencida. Assim, se o Verbo não tivesse assumido a carne, mas somente a aparência, a sua obra não seria veraz. Porque assumiu a carne sua obra é veraz, de modo que destruiu a morte a fim de vivificar o homem.

Quando ao final de *Ch V, 18,1*, Ireneu fala do Verbo como sendo perfeito mediador, cita fartamente o Prólogo joanino. Segundo ele, João, o discípulo do Senhor afirma que “no princípio era o Logos, e o Logos estava junto com Deus, e o Logos era Deus. Este no princípio, (ele) estava com Deus. Tudo foi feito através dele, e sem ele nada foi feito do que existe” (Jo 1, 1-3). Além disso, ele diz a seguir sobre o mesmo Verbo: “Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para os seus (próprios) e os seus não o receberam. Porém, a quantos o receberam deu a eles, poder de se tornar filhos de Deus aos que acreditam no nome dele” (Jo 1,10-12).

Para indicar a economia humana do Verbo ele diz: “E o logos se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a glória dele, glória como unigênito junto do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). Assim, com estas palavras, João afirma claramente para quem quiser ouvir que há um só Pai que é sobre todos, e um Verbo de Deus que opera por meio de todos e pelo qual foram feitas todas as coisas. Tais afirmações referem-se não somente à encarnação como se está tratando, todavia em tais citações que Ireneu faz do Prólogo ele encerra com o v. 14 que afirma a economia do Verbo ao assumir a carne.

Henry (2013, p. 339) ajuda a compreender um pouco mais sobre a vinda do Verbo aos seus, pois ele veio ao que lhe pertencia:

Essa pertença nativa de nossa carne ao Verbo de Vida, só a vinda desse Verbo numa carne semelhante à nossa, sua Encarnação, poderá restabelecê-la. Mas são as condições dessa Encarnação o que Irineu nos ajuda a compreender melhor [...] Encarnando-se numa carne semelhante à nossa, o Verbo vem, com efeito, no que ele

mesmo gerou em sua vida antes de tudo, no que ele tornou não somente possível, mas real.

Por isso, Ireneu menciona João outras vezes. Em *Ch III, 16,2* ele diz que em relação a João, já o demonstrou o suficientemente com as próprias palavras dele, que ele conheceu apenas um idêntico Verbo de Deus, que é também o Filho Unigênito, que se encarnou para a salvação dos homens. Ele é o Senhor Jesus Cristo.

O último número que Ireneu de Lião encerra sua obra *Contra as Heresias* é muito pertinente. Nele está uma síntese da teologia da encarnação do Verbo que desce para elevar a criatura até Deus. Diz Ireneu:

Com efeito, único é o Filho que cumpriu a vontade do Pai, único é o gênero humano em que se cumprem os mistérios de Deus, que os anjos desejam ver, porque não conseguem perscrutar a Sabedoria de Deus, pela qual a sua criatura, conformada e incorporada ao Filho, é levada à perfeição; de forma que, enquanto o Primogênito, isto é, o Verbo desce na criatura e a assume, por sua vez a criatura se apossa do Verbo e sobe até Deus, ultrapassando os anjos e tornando-se à imagem e semelhança de Deus (*Ch V, 36,3*).

É de grande profundidade perceber nas palavras de Ireneu o desígnio de Deus para o homem, revelando o seu imenso mistério de amor. Como diz ele: o Filho único do Pai cumpriu seu desígnio, de modo que tais desígnios foram cumpridos no único gênero humano, e os anjos desejam ver, porém não podem, pois não conseguem, não podem perscrutar por si só a extraordinária Sabedoria de Deus. Tais desígnios referem-se à criatura ser conformada e incorporada pelo Verbo, e por isso ser levada à perfeição.

Isso significa que, o Verbo, o Filho de Deus que é o Primogênito, desce até a criatura e assume-a por meio da encarnação. A criatura, por sua vez, se apossa do Verbo e sobe até Deus, de tal maneira que ultrapassa até mesmo os anjos, e torna-se imagem e semelhança de Deus. Por meio do Verbo, o ser humano é apresentado à visão de Deus, e ver Deus, o homem torna-se como ele, torna-se sua imagem e semelhança. Este é o fim do homem: ser como Deus.⁷

⁷ Ser como Deus significa participar de sua vida divina, participar da vida em plenitude, gozar da eterna felicidade, da visão beatífica de Deus. O homem jamais será da mesma essência que Deus, pois uma vez humano, para sempre humano, e nunca será deus como Deus, mas poderá participar de sua vida divina.

6 O VERBO SALVOU A CARNE PORQUE SE FEZ CARNE

O Cristo de Ireneu é aquele que salva. Do mesmo modo como os padres latinos e gregos, Ireneu parte da salvação para depois fazer a pergunta sobre quem é aquele que realizou. Ireneu fazendo constatar a salvação da carne, mostra que o salvador é necessariamente humano e também divino ao mesmo tempo. Ireneu refuta dois desvios, o docetismo (que nega a verdadeira encarnação) e o ebionismo (que nega a divindade de Cristo e/ou a pré-existência), (Meunier, 2005, p. 45).

Para Ireneu e outros Padres o que deve ser pensado é a encarnação do Verbo em sua formulação joanina. Trata-se, pois, da correlação originária entre a carne, a vinda na carne e a autorrevelação da vida absoluta em seu Verbo. Essa carne é a carne que vem no *páthos* da vida, e que não seja a carne da heresia, como por exemplo a carne astral de Apela - pois esta vem direto do estoicismo⁸ -, mas exatamente à própria carne humana, essa carne bem real que se experimenta a si mesma em cada uma das impressões humanas, as mais humildes, ou as mais elementares.

A atribuição incondicional da carne à vida, de que ela tem sua efetuação patética, encontra em Ireneu um aprofundamento extraordinário. Todo o contexto da problemática prova, em primeiro lugar que a vida de que se trata é a Vida fenomenológica absoluta. É essa a vida, a vida de Deus que se autorrevela em seu Verbo que se fez carne (Henry, 2013, p. 193-194). A carne que Ireneu fala que o Verbo veio habitar, é carne real humana, e não carne astral. Por isso, contra os que negam a vinda do Verbo na carne, o próprio Ireneu diz:

Aqueles, portanto, que dizem que se manifestou só aparentemente, que não nasceu na carne, nem foi verdadeiro homem, estão ainda debaixo da antiga condenação, concedendo direitos ao pecado, porque, segundo eles, ainda não foi vencida a morte “que reinou desde Adão até Moisés, sequer nos que não tinham pecado por uma semelhança com a transgressão de Adão (Rm 5,14), (*Ch III, 18,7*).

⁸ Estoicismo: “uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, assim chamada pelo pórtico pintado (*Stoá pikíle*) onde foi fundada, por volta de 300 a.C., por Zenão de Cício. Os principais mestres dessa escola foram, além de Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. Com as escolas da mesma época, epicurismo e ceticismo, o E. compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como *vida contemplativa* acima das ocupações e das emoções da vida comum. Seu ideal, portanto, é a *ataraxia* ou *apatia* (v.)” (Abbagnano, 2000, p. 375).

E ainda em outro lugar:

Além disso, os que dizem ser homem pura e simplesmente, gerado por José, permanecem na antiga escravidão da desobediência e morrem nela, porque ainda não unidos ao Verbo de Deus Pai, não recebem a liberdade por meio do Filho, como ele próprio diz: “Se o Filho vos emancipar, sereis verdadeiramente livres” (Jo 8,36) Ignorando o Emanuel, nascido da Virgem, são privados do seu dom, que é a vida eterna, e não recebendo o Verbo da incorruptibilidade, permanecem na carne mortal, devedores da morte, sem o antídoto da vida (*Ch III, 19,1*).

Afirma Ireneu que o Verbo se fez carne para destruir, por meio da carne, o pecado, que por obra da carne, adquiriu poder, e também o direito de propriedade e domínio. Além disso, para que o pecado não continuasse a existir entre os homens. Essa é a razão que nosso Senhor tomou a corporeidade idêntica à da primeira criatura, pois poderia, certamente em favor dos progenitores vencer em Adão aquele que em Adão nos feriu (*Dem. 31*).

Os gnósticos ao pretenderem saber de onde vem a carne de Cristo, não entendem seu princípio na essência fenomenológica da própria vida. Eles acabam respondendo a tal questão de modo aleatório, de maneira tal que, dão livre curso à sua imaginação, alimentada de cultura e conceitos gregos. Ireneu, sem dúvida, conhece a resposta inscrita na Palavra, e esta, mais do que qualquer outra, o fascina. A carne em que o Verbo vem habitar vem do próprio Verbo, ou seja, da Vida (Henry, 2013, p. 194). O próprio João afirma que, “o que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4).

Se a carne vem da Vida, como se faz essa vinda? A Vida vem numa carne vinda a si - no “experimentar-se a si mesma” de que a materialidade fenomenológica pura é um *páthos*. Ireneu considera a questão de forma diferente, pois ele pergunta se a carne é capaz de receber a Vida, isto é, a única Vida que existe. Outra questão que surge é por que interrogar a possibilidade para a carne de receber a Vida antes que a Vida se faça carne? O pensamento de Ireneu permanece parcialmente tributado à Grécia. “Somos um corpo tirado da terra”. Então, Cristo tinha um corpo desse tipo, pois se não fosse assim, ele não teria tomado os alimentos tirados da terra, pelos quais se nutre o corpo tirado da terra.

O corpo material e mundano na visão dos gregos é como um pedaço de terra que se torna carne sob o sopro divino – que é o sopro da Vida. Todavia, quando o corpo é transformado em carne pela operação da Vida, sua condição de carne vem da Vida, que por sua vez, lhe dá a experimentar-se a si mesmo nela e tornar-se a si mesmo carne desse modo. E, de modo algum de um corpo material em si mesmo desprovido de poder, de sentir ou até mesmo de experimentar o que quer que seja, para sempre incapaz de ser uma carne.

A gnose funda-se em duas proposições fundamentais: longe da vida ser incapaz de tornar carne, ela é condição de possibilidade desta. Longe de ser capaz de receber a vida, a carne é sua efetuação fenomenológica. De forma diferente, Ireneu afirma que ‘Deus pode vivificar a carne’, aliás, unicamente Deus pode. Também que ‘a carne pode ser vivificada por Deus’, e além dele, ninguém mais pode fazê-lo. Além disso, ‘se ele não vivificasse o que está morto, Deus deixaria de ser poderoso’, pois sendo Deus ele é capaz de vivificar o que está morto.

O que está morto é apenas um corpo inerte que Deus faz uma carne comunicando-lhe a vida, isto é, sua Vida, a única que existe. É por isso que a doação da primeira carne ao primeiro homem prefigura sua salvação (Henry, 2013, p. 194-196). Fica claro que a Vida é condição de possibilidade da carne, de modo que toda carne é possível somente na vida. A Vida é o próprio Verbo de Deus, Ele é o único capaz de dar a vida.

Ainda sobre a carne que foi assumida pelo Verbo, Ireneu de Lião responde a célebre questão histórica: por que Deus se fez homem (carne)? – “*Cur Deus homo?*” A esta pergunta se acrescenta: Ele não poderia salvar de outro modo a obra modelada por Ele? Por que o Verbo deveria se encarnar? Ireneu diz que ele “se fez o que nós somos para nos elevar ao que ele é” (*Ch V, Pr.*) Ireneu também diz que “é salvação enquanto carne, porque o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14a) (*Ch III, 10,3*). Se ele não quisesse a salvação da carne, ele mesmo não teria se encarnado. E, se ele não se fizesse carne, o ser humano não seria salvo, pois aquilo que não é assumido não é redimido.

Ireneu em *Dem. 31*, acena que, o Verbo se fez homem para unir o homem a Deus, e realizar a comunhão entre Deus e o homem, porque não se teria podido absolutamente obter participação alguma na incorruptibilidade se ele, o Verbo, não

tivesse vindo habitar entre os homens. Era necessário a vinda do Verbo de Deus na carne, pois se a incorruptibilidade tivesse permanecido oculta e invisível, ela não teria sido de utilidade alguma, mas sua visibilidade se fez pela encarnação para que o homem entrasse em comunhão com ele.

A encarnação, portanto, está na base da teologia da divinização do homem, tão cara para os padres da Igreja. Ladária diz que “é o mistério da encarnação que está na base dessa teologia: a necessidade da encarnação, é precisamente, a divinização do homem” (Ladaria, 2010, p. 120). Nesta mesma ótica é que Ireneu diz: “o Verbo de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, que na sua imensa caridade se fez o que nós somos para nos elevar ao que ele é” (*Ch V, Pr.*). Trata-se, porém, da divinização do homem por parte do Verbo. Tal divinização consiste no homem obter a visão de Deus e receber dele a incorruptibilidade.

Falou-se que a Encarnação do Verbo aconteceu para dar conclusão à sua obra. Porém, no percurso histórico-salvífico o homem pecou, mas isso não mudou os planos de Deus que, mesmo assim, enviaria - e enviou -, seu Filho, seu Verbo que estava com Ele desde o princípio (Jo 1,1). Ele pôde redimir a humanidade porque assumiu a carne, e também porque era Deus, senão a salvação não seria operada. Estando junto de Deus e sendo Deus pôde operar a salvação. Ireneu fala sobre o Verbo pré-existente: o qual fez todas as coisas e assumiu a carne passível:

Demonstrando até a evidência que o Verbo existia, desde o princípio junto de Deus, que por sua obra foram feitas todas as coisas, que sempre esteve presente ao gênero humano e que justamente ele, nestes últimos tempos, segundo a hora estabelecida pelo Pai, se uniu à obra de suas mãos, feito homem passível (*Ch III, 18,1*).

Na citação acima, Ireneu refuta todos aqueles que falam que o Verbo nasceu nestes últimos tempos, de modo que, segundo eles, houve um tempo em que Cristo não existia. Para Ireneu, além do Verbo estar com Deus, por Ele foram feitas todas as coisas. Sua existência junto do Pai não teve início, pois existiu desde sempre (*Ch III, 18,1*); e, tornando-se homem, fez todos os homens participarem da adoção filial (Jo 1,12b), e assim, obterem a salvação.

Em *Ch III, 10,3*, Ireneu fala da gnose de salvação. Para ele tal gnose é o conhecimento do Filho de Deus. Ele é salvador enquanto Filho de Deus e Verbo de Deus. Ele é

salvação enquanto carne, porque Ele, o “Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14a). Aqui Ireneu mostra explicitamente uma citação joanina, e por meio dela reforça seu argumento de que o Verbo de Deus que é a salvação, pode sê-lo porque assumiu a carne para trazer a salvação.

Nesta mesma ótica, em *Ch III, 11,3*, Ireneu fala dos hereges que afirmam que o Verbo não assumiu a carne. Eles não aceitam a opinião de que o Verbo se fez carne. Além disso, alguns deles pensam que se manifestou na forma de homem, porém eles não admitem que tenha nascido e tenha se encarnado. Outros nem chegam a conceder sequer a forma de homem e dizem que desceu, na forma de pomba sobre o Jesus que nasceu de Maria.

Ireneu, desse modo, afirma que todos esses que pensam assim são considerados como testemunhas falsas pelo discípulo do Senhor, isto é, por João que diz no seu Evangelho: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14a). Em seguida, em *Ch III, 11,14*, para afirmar mais uma vez que o Verbo assumiu verdadeiramente a carne, ele menciona a figura de João Batista, dizendo que “apareceu um homem sendo enviado da parte de Deus, seu nome era João. Este veio para testemunho, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Aquele não era a luz, mas veio a fim de dar testemunho da luz” (Jo 1,6-8).

Existe a opinião de que a figura do Batista é colocada nos versículos de 6-8 do Prólogo justamente para mostrar a historicidade do Verbo que assume a natureza humana. Do mesmo modo, Ireneu, o faz para refutar os hereges que negam a verdadeira humanidade do Filho de Deus.

A gnose não queria para Cristo uma carne real como a dos homens, isto é, uma carne terrestre, matéria, demasiado trivial para seu gosto. Ela a preferia menos opaca, também mais leve, transparente ao olhar do espírito inteligível (Henry, 2013, p. 194). Ireneu, ao mesmo tempo que vai refutando os hereges, vai demonstrando a doutrina recebida da Escritura e da Tradição dos Apóstolos sem distorção. Em *Ch III, 11,6* Ireneu cita o Prólogo joanino: “Deus ninguém jamais viu; o unigênito divino o que está no seio do Pai, este é quem o revelou” (Jo 1,18). Ireneu cita para falar da invisibilidade do Pai, mas que é dada a conhecer a todos pelo Filho que está no seu seio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cristologia e antropologia de Ireneu são positivas. Aliás, Ireneu, tem como fundo de seu pensamento a concepção semita, a concepção bíblica de ser humano, formado em corpo, alma e espírito. E, é este ser humano que é salvo por Deus, isto é, o ser humano por inteiro, com a sua corporeidade.

Sobre a questão dos que negavam a encarnação, Ireneu, demonstrou que pelo fato de o Verbo se tornar carne e habitar entre os homens, a carne não é má. Com a encarnação, o Verbo vem para salvar o homem também em sua carne e não somente a sua alma.

Ao conhecer a doutrina dos hereges e vislumbrar respostas, Ireneu constrói sua teologia de modo que a faz com base nas Escrituras e na Tradição recebida dos Apóstolos. A visão antropológica de Ireneu serve de base para reflexões antropológicas de hoje. É uma antropologia que valoriza o humano, que valoriza o corpo, que convida a pisar no chão da história e perceber que Deus vem salvar o ser humano a partir da história, a partir do mundo, e não fugindo destes.

Sendo assim, é possível perceber a partir da reflexão sobre a encarnação do Verbo, presente na teologia de Ireneu, que o Verbo se faz solidário com o gênero humano, e que, portanto, a dimensão corpórea é valorizada, de modo que, a salvação só é possível a partir do corpo, da carne. Deus deseja salvar o ser humano a partir de sua vida real e concreta. Não é fugindo do mundo, como pretendiam os gnósticos, ou como propõem correntes de pensamento de hoje, como a *new Age*. Mas é salvação se dá partir da vida, da história.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi; Trad. dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

HENRY, M. **Encarnação: uma filosofia da carne**. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: Realizações, 2013. (Coleção Trilogia Cristã).

LADÁRIA, L. F. **Introdução à antropologia teológica**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

LIÃO, I. de. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose. Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

LYON, I. de. **Demonstração da pregação apostólica**. Trad. Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014.

MEUNIER, B. **O nascimento dos dogmas cristãos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ORBE, A. S. I. **Teologia de San Ireneo II**: comentário al libro V del “Adversus haereses”. Madrid: La Editorial Católica, S. A., 1987.

PADOVESE, L. **Introdução à teologia patrística**. Trad. Orlando Soares Moreira. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PAULO VI. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. *Dei Verbum*. 30. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1969.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: do batismo no Jordão à transfiguração. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2007.

RATZINGER, J. **A infância de Jesus**. Trad. Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2012.

RODRIGUES, J. R.; KONINGS, J. **Jesus, carne de Deus!**: estudo teológico-exegético a partir de Jo 1,14a. 2006. 151f. Dissertação de mestrado. FAJE – Faculdade Jesuíta de filosofia e teologia, 2006.

SINGLES, D. **A glória de Deus é o homem vivo**: a profissão de fé de santo Irineu. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2010.